CIRANDAS INFANTIS

(letra e notas filológicas e linguísticas)

MARTINZ DE AGUIAR

Nótula inicial. — Oferecendo à leitura as CIRANDAS INFANTIS, devo antepor-lhes algumas breves palavras explicativas.

Recolhi-as diretamente dos lábios das nossas creanças, que as cantam à noite nas calçadas. Mas, para estudo completo, não me contentei com um só apanhado; eu próprio fiz vários e, para o salutar efeito da comparação, pedi a um não pequeno número de alunas que me dessem outros, mas sem correção dos erros que porventura encontrassem e sem a preocupação sequér de me apresentarem coisa compreensível. Eu queria que pusessem para o papel o que elas próprias cantavam ou ouviam cantar, tal qual, sem a mais leve idéa antecipada, fosse embora o resultado um verdadeiro disparate. E' óbvio — o alvo a que eu mirava, e, se algumas das minhas colaboradoras não satisfizeram plenamente os meus rogos, as outras, entretanto, a êles se submeteram integralmente, como terão os leitores ocasião de verificar. Assim, **volta cá, bom cavaleiro** foi escrito por uma **volta cabo, cavaleiro; é o vira, é o vira** foi grafado por outra **Elvira, Elvira,** etc. Acertada afinal a versão mais comum, era essa que eu me punha a estudar, tendo, porém, sob os olhos as demais variantes, que muitas vezes encerravam a chave do enigma.

Não fui movido por intuitos própriamente folclóricos, e por isso não procurei fazer a continuada compa-

ração das nossas cirandas com as do extremo norte, do centro ou do sul do País, nem com as portuguesas. O que em especial tentei foi concorrer para o descurado exame da lingua popular, e em geral só com o fim de mostrar divergéncias ou mutações de linguagem é que entrei na comparação de textos.

Ciranda. — Mas que significa **ciranda?** Primeiramente, não passa de uma espécie de urupema, de uma peneira retangular de bordos de madeira e fundo de tela ou arame, própria para joeirar-se cal, areia, grãos, etc. De **ciranda** formou-se o verbo **cirandar** (cf. cast. **zaranda** e **zarandar** ou **zarandear**), joeirar com ciranda. O movimento, porém, com que se agita êsse instrumento, faz saltar ou andar à roda, lembrando o saracoteio de um bailado, o que dentro dêle está a limpar-se. Por isso, por natural fenómeno linguístico, **ciranda** veio a significar também "dança popular", segundo Cándido de Figueiredo, ou "dança popular de roda", segundo Jaime de Séguier, e **cirandar** dar voltas, andar de um lado para outro, dançar de roda. Essa idéa de dança, vamos descobri-la até na literatura. Manuel Ribeiro, o grande escritor, autor insigne de uma meia dúzia de obras primas, do que há de melhór em lingua portuguesa, escreve naquela gema de alto preço que é "A Planície Heróica":

"..., ia a moínha, cada vez mais fina, **dançando em arneiros, cirandas e joeiras** — e o oiro aparecia, luzia, coalhava, fazia-se monte." Pg. 105.

Morais (2.ª ed.) ainda não regista a significação figurada. Também não a dá João Ribeiro, a despeito da sua recentidade. E Jaime de Séguier não menciona, para o verbo, o valor de **dançar de roda,** que achamos em Cándido de Figueiredo. Dois exemplos, que poderiam ser multiplicados, um literário e o outro popular, vão mostrar, entretanto, as duas significações figuradas de **cirandar:**

"Nos Cardeais **cirandava** a malta dos algarvios, em folguedos e despiques, depois de bem fartinhos e com o ventre tirado de misérias, que a adiafa do lavrador fôra de respeito." "A Plan. Her.", pg. 127.

Nesta citação, que de propósito alonguei para evitar dúvidas, **cirandar** quer dizer claramente **dar voltas, andar à roda, andar de um lado para outro.**

O segundo exemplo nos é fornecido pela tradição popular:

"**Ciranda, cirandinha,**
"vamos todos **cirandar;**
"vamos dar a meia volta,
"volta e meia vamos dar."

Esta quadra é de inestimável valor explicativo, por que encerra a palavra **ciranda** (dança), até personificadamente, em referência ao conjunto dos dançantes; por que tem **cirandar** como **dançar de roda,** e por que, ao mesmo tempo, mostra o liame ideal que existe entre os dois significados trópicos: "vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar". Demais, postula a resolução de um problema: que é **cirandinha?**

Cándido de Figueiredo responde-nos: "dança, o mesmo que **ciranda.**" E João Ribeiro, mais amplamente: "canto e dança popular, ronda graciosa, com certa música que lhe é própria".

Não posso infelizmente concordar. Pelo menos, no norte do Brasil é de todo o ponto inverídico que **cirandinha** e **ciranda** se equivalham. E' bem verdade que **rolinha** o mesmo é para nós que **rôla,** o que já se havia dado no português geral com **passarinho,** sinonimizado com **pássaro** e dando os derivados **passarinhada** (por **passarada** ou **passaredo**), **passarinhar, passarinhagem, passarinheiro.** E' outro o caso da canção lúdica. **Cirandinha** é um diminutivo de carinho, como **amorzinho** e **bonitinho.** No mesmo Portugal, porém, parece-me que só será verdadeira a afirmação dos dois ilustres lexicógrafos se estendermos a equipoléncia de diminutivos e positivos a quase todos, senão todos, os nomes substantivos da lingua portuguesa. Constituem precisamente os diminutivos um dos pontos de diferenciação

entre o falar do Brasil e o do Portugal de hoje. Para americanos, essa fórma flexiva tem o seu valor próprio ou então indica carinho, depreciação, intensidade e, popularmente, porção (um pouco, um tanto, algum, um bocado, um pedaço). Entre peninsulares se emprega nesses casos, e noutros que nos são completamente ininteligíveis. Se folhearmos as primeiras cem páginas do já citado romance "A Planície Heróica", em que se acha representado muito da linguagem pictórica do sul da velha metrópole, se as folhearmos apenas, mesmo sem lê-las e procurando às pressas, afastada a intenção de fazer estatística, toparemos com setenta diminutivos, quase um por página, alguns dos quais, como **carvanito, colchanito** e **bordanito,** até morfològicamente nos causam surpresa. Grande número dêles, nós os substituïríamos por positivos, na impossibilidade de sentir-lhes qualquér diferença.

Não é de admirar que **cirandar** passasse a ter os dois significados tropológicos. Fenómeno idéntico é o que se verifica com **crivar, joeirar, peneirar** e **ralar,** derivados de **crivo, joeira, peneira** e **ralo,** instrumentos todos irmanados ou aparentados com a **ciranda.**

Crivo, diz Cándido de Figueiredo, é um "conjunto de orifícios numa superfície", é um "utensílio culinário, de fôlha, com muitos orifícios, para separar de um líquido as substáncias inúteis". De **crivo,** o verbo **crivar, passar pelo crivo,** e, figuradamente, as expressões **crivar de facadas, de dívidas.**

Joeira é uma peneira para trigo. O derivado **joeirar** tem, a par do valor próprio, o de **separar o bom do mau** (como o joio do trigo), de **escolher,** de **examinar com atenção.**

A peneira é o tipo dos utensílios similares. Serve para separar a parte mais fina de uma substáncia da mais grossa. Passou trópicamente a significar **chuvisco,** assim como **ciranda dança.** O derivado **peneirar** ajuntou ao seu sentido o de **saracotear** e **chuviscar.**

Ralo é o instrumento que serve para triturar queijo, milho, etc. Para isso, é necessário friccioná-los. Daí,

o verbo **ralar** valer também por **atormentar, aporrinhar, amofinar.**

Aplicou-se o nome de **ciranda** à cantiga que acompanha a dança, por ser uma inseparável da outra; e chamei-lhe **infantil**, por que é de creanças que aqui se trata. Um grupo delas reúne-se à noite nas calçadas, isto é, nos passeios, nas partes laterais da rua destinadas aos pedestres, ou ainda no calçamento, isto é, no leito, na parte mediana da rua destinada aos veículos, fazem uma roda, ligadas pelas mãos, e, em toada meio gritante, a regirar, a bater palmas, a sapatear, a mover-se em saracoteios rápidos, a colubrejar e a saltitar, desfiam, durante longas horas às vezes, quantas canções coreográficas teem de memória.

À ciranda dá-se mais geralmente o nome de **ronda**, do francês **ronde**. Mas, além do que adotei, as próprias canções não apresentam outro senão o de **roda:**

"Apareça em seu lugar,
"olé, olé, Milunguinha,
"prá **roda dançar.**"

A lingua. — A revezes, deparam-se-nos composições em que, pela sua origem evidentemente literária, a lingua é a mesma dos livros. Mas, em geral, é caracteristicamente popular, cheia de exclamações, de sílabas puramente neumáticas, de palavras truncadas ou incompreensíveis, de perissologias, de interjeições inventadas, de aliterações, de homofonias, de repetições de vocábulos, de contrações violentas, de alongamentos anormais, de sentidos não de todo expressos e até ilógicos. Será estudada à medida que o for cada ciranda. Devo notar, porém, desde já, alguns esquemas sintáticos que são típicos:

a) falta do objeto, direto ou indireto, pronominal:

"Meu senhor, eu vendo flôres
"e ninguém **quér me comprar.**"

"Que ofício dar a ela?
"**Dou** o ofício de costureira."

b) infinitivo inflexivo, seja qual for o sujeito:

"para **nós se ajoelhar**"
"para **nós** se **levantar**"
"para **nós dançar**"

c) emprêgo do infinitivo, não só pelo imperativo, mas também pelo indicativo:

"escolher (=escolhei) a que quisér"

"**Que ofício dar** (=dais) a ela?"

d) persisténcia da terceira pessoa **se** nos verbos pronominais:

"para **nós** se ajoelhar, para **nós** se levantar".

e) uso parco do artigo:

"derradeiro ficará"

f) emprêgo da preposição **em** com os verbos de movimento:

"**Vá na** casa do Sr. Chiquinho."

g) uso do sujeito **eu**, do infinitivo, por **me**, com os verbos causativos:

"não **deix' eu voltar** pra casa"

Os ritmos. — E' a redondilha maiór que predomina nas cirandas, como em toda a poesia popular. Mas há composições em redondilha menór e em versos de seis e de quatro sílabas. A metrificação nem sempre é perfeita, encontrando-se versos com falta ou superabundáncia de sílabas métricas:

"Dai-me um beijinho (4),
"apertado abraço (5)."

"Braços curtos (3),
"de orango-tango (4);
"pernas cumpridas (4),
"de frango... frango... (4)"

"Onde mora a La-Condessa (7),
"lingua de ponta de lanceta (8)?
"—Que quereis com a La-Condessa (7),
"que por ela perguntais (7)?"

"Somos filhas do rei (6),
"somos netas da rainha (7):
"senhor reis mandou dizer (7)
"que se escondesse na pedrinha (8)."

Essa dissimetria obriga muitas vezes os cirandantes a apressar muito a voz, de modo que dá em resultado contrações forçadas, ou a relentá-la demasiado, tendo-se então o aparecimento de hiatos. O **Demavé** é uma composição de quartetos que teem sete sílabas nos três primeiros versos e cinco no último:

"Eu sou pobre, pobre, pobre,
"demavé, mavé, mavé,
"eu sou pobre, pobre, pobre,
"demavé dê-cê!"

Eis, porém, que, a quebrar a harmonia, lá vem um octossílabo —

"dou o ofício de costureira"

—, que determina um apoio na primeira sílaba de **costureira.**

Pelo contrário, na mesma ciranda, o verso

"Que ofício dar a ela?"

obriga a pronunciar um **quê** bem claro, formando-se assim um hiato. E' o mesmo caso do **Vira:**

"Meninas, vamos ao vira,
"quê o vira é coisa boa."

Na **Dança da Carrapeta**, o verso

"menina, me dá um abraço"

oferece a contração de **dá** e **um** numa só sílaba:

"menina, me dá-um abraço"

Às vezes, o apoio musical fora da sílaba tónica dá em resultado uma modificação sintática. Pela construção fraseológica mesma do **Carneirinho**, vê-se que a sua forma primitiva foi

"Carneirinho, carneirão,
"...neirão, ...neirão,
"olha pro céu, olha pro chão,
"...neirão, ...neirão."

A música requeria apoio na última sílaba de **olha**, e o resultado foi **olhá**, que, sem significação, foi substituído por **olhais:**

"Carneirinho, carneirão,
"...neirão, ...neirão,
"olhais pro céu, olhais pro chão,
"...neirão, ...neirão."

Em alguns casos, a ciranda não é própriamente cantada, mas declamada num tom musical, se me expresso bem. E' o que verificamos a respeito da **Menina Galante:**

"Aonde vais assim,
"bela menina,
"menina galante?"

As rimas. — Rima em geral, consoantemente, o segundo verso com o quarto. Mas é muito comum a rima toante: **amarelo** e **céu, prata** e **cara,** etc. Noutras ocasiões nenhuma rima existe, e encontramos, por exemplo, **amor** correspondendo a **chapéu.** A **Constança** compreende três estrofes: na primeira rimam **bem-querer** e **fartei;** na segunda, **cacheados** e **cidade;** na terceira, **escolherei** e **abraçarei.** Só nesta houve rima verdadeira, isto é: rima consoante. A **Casinha de Bambú,** de número de estâncias muito variado, é, por via de regra, cantada com cinco, das quais uma é o estribilho. A primeira e a segunda teem rima consoante, a terceira e a quarta toante, e a quinta nenhuma rima tem.

A FLOR

O' flor, ó linda flor,
ó flor, vem cá!
O' flor, ó linda flor,
olê, olê,
olê, olá

Senhora dona Maria,
entre dentro desta roda,
diga um verso bem bonito,
dê adeus e vá embora.

— **Atirei... não atirei...**
Atirei, caíu no chão;
atirei naquele ingrato,
na raiz do coração.

Várias observações nos sugere esta ciranda. — Em primeiro lugar, devemos explicar **olê, olá,** que é pronunciado **ôlê, ôlá,** quando entretanto sabemos que o natural é **ólé, ólá.** Havia no português antigo a interjeição simples **hou** e a composta **houlá,** de que encontramos diversos exemplos em Gil Vicente. Ambas são ainda hoje vivazes no Ceará. Portanto, **ôlá** é um arcaismo que nós conservamos em pleno vigor. À semelhança de **houlá** deve-se ter formado **houlé,** cujo **é,** aberto, deve ter passado a **ê,** fechado, por estar em contacto com um ditongo fechado (ou). E' uma acomodação vocálica progressiva. — Outro exemplo de acomodação vocálica ou metafonia nos oferece a palavra **senhora,** que devíamos proferir com **o** fechado, como em Portugal, pois é feminino de **senhor,** e entretanto proferimos com **o** aberto: senhóra. Os nossos filólogos ainda não acharam a razão dêsse fato, e alguns, como João Ribeiro, que é dos maiores, teem aventurado a idéa de que talvez na lingua antiga já se pronunciasse como entre nós. Basta atentar em que em nenhum ponto de Portugal persiste, dialetalmente embora, essa pronúncia, para pôr em dúvida a opinião do ilustre mestre, tanto mais quanto a fonética brasileira explana satisfatóriamente o caso. A expressão **Nossa-Senhora** tem em certas frases um acento enfático na sílaba **no,** como, por exemplo, na exclamação **minha Nóóóssa-Senhora!** Esse **o,** assim prestigiado, influíu no **o** de **senhôra,** tornando-o de fechado em aberto. Depois, generalizou-se a pronúncia **senhóra,** com **o** aberto. Igual explicação tem a passagem de **amôr** a **amór** e de **Dêus** a **Déus** na conhecida frase — **uma esmola pel' amór de Déus!** —, com que os pedintes nos batem à porta. Sôbre a palavra **esmola** recai o acento enfático (uma esmóóóla!), e o **o** assim acentuado contagiou o seu timbre aberto a **amor** e a **Deus.** — **Entre dentro.**

Pleonasmo comum, como outros, no antigo português. — **Bem bonito.** E' muito do agrado do povo o superlativo feito com o advérbio **bem.** E já houve quem tachasse de galacismo tão belo uso! Pobre ciéncia! — **Atirei... não atirei...** Linguagem hesitativa muito popular. No verso seguinte vem a afirmação positiva: **atirei.** Como veremos adeante, há, porém, casos em que não está expressa a afirmação, mas o período continúa como se o estivesse. Há a variante — atirei e atirei, / atirei naquele chão;/ atirei naquele braço/ da raiz do coração —, que nenhum interêsse apresenta.

TRÊS! TRÊS!

Três! Três! Passará!
Derradeiro ficará!
Se não for o de deante,
há de ser o de detrás!

Variante:

Trás, trás passarás.
Derradeiro, ficarás!
Que não for o de deante,
há de ser o de detrás!

O terceiro verso também se diz **o que for o de deante.** Qual das duas versões é a primitiva? Ambas são rigorosamente corretas, mas a primeira tem de certo a primazia, pois mais se aproxima da versão francesa, **le pont-levis:** "Par trois fois on passera, / Mais à la dernière passe, / Par ceux sous qui l'on passe, / Qui sera pris restera". Harquevaux et Pelletier, **200 Jeux d' Enfants,** pg. 110. — **Derradeiro ficará.** No antigo português era frequente a omissão do artigo, como o demonstra esta passagem, da lenda do rei Leir: "E casou a filha mayor com o duque de Cornoalha, e casou a outra com **rrey**

de Scocia, e não curou da meor". E', pois, um arcaismo, que ainda vigora no seio do nosso povo. — **Que não for. Que** por **se.** E' muito vulgar. Encontra-se também na literatura.

DOMINÉ

Por esta rua,
dominé,
passeou meu bem,
dominé;
será por mim,
dominé,
ou por alguém?
dominé.

O passarinho,
dominé,
caíu no laço,
dominé.
Dai-me um beijinho,
dominé,
apertado abraço,
dominé.

Esta canção é uma das mais mimosas de toda a coleção. O estribilho **dominé,** provàvelmente apoiado no latim **dominus,** mostra talvez a sua origem erudita. — **Alguém** está por **alguma outra pessoa. — Passarinho** o mesmo é que **pássaro,** mas aqui se refere ao "meu bem". Diz a cirandante, com leve e terna ironia, que o seu bem se lhe rendeu; pede-lhe por isso um beijinho e um abraço. — **Beijinho.** Diminutivo de carinho. Em Portugal, abusa-se do diminutivo. Não lhe sentimos a fôrça, por exemplo, neste trecho de Manuel Ribeiro: "Trazem-me p'la mão, e arrimado a êste **bordanito,** dou as minhas **voltitas,** com muito custo, porque as pernas são

dois trambolhos." **Bordanito,** com um pouco de boa vontade, ainda se compreende, mas **voltitas!...** Há de haver quem diga que se está em face de um diminutivo de intensidade...

DEMAVÉ

— Eu sou pobre, pobre, pobre,
demavé, mavé, mavé,
eu sou pobre, pobre, pobre,
demavé dê-cê!

— Eu sou rica, rica, rica,
demavé, mavé, mavé,
eu sou rica, rica, rica,
demavé dê-cê!

— Quero uma de vossas filhas,
demavé, mavé, mavé,
quero uma de vossas filhas,
demavé dê-cê!

— Escolher a que quisér,
demavé, mavé, mavé,
escolher a que quisér,
demavé dê-cê!

— Eu quero a Marianita,
demavé, mavé, mavé,
eu quero a Marianita,
demavé dê-cê!

— Que ofício dar a ela?
demavé, mavé, mavé...
que ofício dar a ela?
demavé dê-cê!

— Dou o ofício de engomadeira,
demavé, mavé, mavé,
dou o ofício de engomadeira,
demavé dê-cê!

— Êste ofício não me agrada,
demavé, mavé, mavé,
êste ofício não me agrada,
demavé dê-cê!

— Dou o ofício de costureira,
demavé, mavé, mavé,
dou o ofício de costureira,
demavé dê-cê!

— Êste ofício não me agrada,
demavé, mavé, mavé,
êste ofício não me agrada,
demavé dê-cê!

— Dou o ofício de pianista,
demavé, mavé, mavé,
dou o ofício de pianista,
demavé dê-cê!

— Êste ofício já me agrada,
demavé, mavé, mavé,
êste ofício já me agrada,
demavé dê-cê!

— Eu de pobre fiquei rica,
demavé, mavé, mavé,
eu de pobre fiquei rica,
demavé dê-cê!

— E eu de rica fiquei pobre,
demavé, mavé, mavé,
e eu de rica fiquei pobre,
demavé dê-cê!

Cantada, esta ciranda é de um efeito surpreendente. Tanto pode a arte! Há as variantes **jê-mavé, mavé, mavé** e **jê-mavé dê-ci, jê-mavé jê-cê.** Precisamente estas variantes mostram que as sílabas melódicas que constituem o segundo e o quarto versos de cada estrofe não são mais do que um estribilho francês (**je m'en vais, m'en vais, m'en vais; je m'en vais d'ici**), que as crianças transformaram. E', pois, de origem erudita esta ciranda. — **Pobre,** repetido. E' popular e literária a repetição intensiva. Não se circunscreve ao português; é um fato indo-europeu. — **Escolher a que quisér.** O infinitivo **escolher,** pelo imperativo, determinou a inflexibilidade de **quisér.** — **Que ofício dar a ela. Dar** não é, como poderia parecer a algum incauto, uma transformação fonética de **dás.** A passagem dêste fonema a **r** só se efetua, e plebèamente, antes de **m: as mãos, ar mãos; faz mal, far mal.** E' um dos muitos casos, que aparecem no português antigo, de infinito com valor de forma verbal pura.

O CRAVO E A ROSA

O Cravo brigou com a Rosa
debaixo de uma latada;
o Cravo saíu ferido,
a Rosa espedaçada.

A Rosa ficou doente,
o Cravo foi visitá-la;
a Rosa deu um desmaio,
o Cravo pôs-se a chorar.

— Mangueira, me dá uma manga;
limoeiro, me dá um limão,
para tirar esta noda
que está no meu coração.

Variantes: **debaixo de uma cercada, defronte de nossa casa; para tirar esta nódoa. — Espedaçada. Des** e **es**

substituem-se comumente, sendo esta a forma preferida pelo povo, que chega a usar **esbilitar** por **debilitar,** como se houvesse **desbilitar**. — **Me dá uma manga.** A colocação do pronome, que tanta celeuma levantou nos arraiais dos gramáticos, parece que afinal foi considerada resolvida. Mas não o está. Primeiramente, quiseram solver a pendência apenas dentro do campo da sintaxe. Depois, há poucos anos sómente, levaram a questão para o domínio da fonética. Cessaram então as disputas. A verdade, porém, é que tanto erraram uns como os outros. O fenómeno obedece a um complexo de fatores (sintático, semántico, histórico, analógico, fonético, estético), dos quais um atua em tal frase, outro noutra, vindo às vezes a entreajudar-se e entrebater-se. No estudo que tenho em preparo sôbre a lingua da Academia Cearense, debato exaustivamente o assunto. Na frase dada, a colocação do pronome foi determinada pelo fator histórico. — **Noda.** Forma antiga de **nódoa,** popular entre nós. Os dicionários referem **noda** a **nota** e **nódoa** a **notula.** Refiro ambas as formas ao diminutivo latino, por que a absorpção do **o** é normal. — **Cercada.** Em lugar de cêrca, **terreno fechado por sebe,** usa-se muito entre nós **cercado.** O feminino **cercada,** só o conheço desta cantiga. O sentido mostra claramente que **latada** é a fórma primitiva e boa. **Cercada** pederia **dentro** e não **debaixo.** — **Defronte de nossa casa.** Êste verso enseja duas anotações: a) **defronte** e **em frente** dizem a mesma coisa; mas, quando se trata, por exemplo, de duas casas de esquina que se opõem pelo vértice, só se usa entre nós, e com razão, **defronte;** b) a nossa linguagem familiar usa parcimoniosamente o artigo antes do possessivo, no que ainda uma vez se aproxima do antigo português.

MATATIRA

— No salão dancei,
matatira tirarei,

com as meninas bonitinhas,
matatira tirarei.

— Meu castelo é tão belo!
matatira tirarei!

— O meu é melhor,
matatira tirarei.

— Que de mim quereis?
matatira tirarei...

— Eu quero a Carmelita,
matatira tirarei.

Temos aqui mais um exemplo de estribilho puramente neumático, isto é: formado de sílabas que não teem significação e apenas servem para acompanhar o ritmo musical. Lembra o francês: J'ai six beaux gâteaux / **Ma tant'lire, lire, lire,** / J'ai six beaux gâteaux, / **Ma tant'lire, lire, lo".** Claude Augé, **Les Chants de l'Enfance,** pag. 55. Terá sido calcado no francês o nosso estribilho? O meu velho e distinto amigo dr. Mozar Pinto, tão sapiente e modesto, comunica-me que sempre atribuíu a uma acomodação do francês o primeiro verso da nossa ciranda. Para êle, **no salão dancei** não é senão **nous allons danser.** A hipótese merece estudo. — **Tirarei** nada tem com o verbo **tirar,** é um agrupamento de sílabas melódicas.

A LA-CONDESSA

— Onde mora a La-Condessa,
lingua de ponta de lanceta?

— Que quereis com a La-Condessa,
que por ela perguntais?

— Sr. Reis mandou dizer
que das filhas que tivesse
mandasse uma
para êle casar com ela.

— Eu não dou as minhas filhas
no estado em que elas tão,
nem por ouro, nem por prata,
nem por sangue de Alagão.

— Tão alegre que viemos
e tão triste que voltemos,
pelas filhas da La-Condessa,
que nenhuma nós trouxemos.

—Volta cá, bom cavaleiro,
para ser homem de bem;
entra aqui neste convento,
escolhe a melhór que tem.

— Esta fede, esta cheira,
esta come pão de feira;
esta mesmo é que eu queria,
para ser minha companheira.

— Senta aqui, bela menina,
a coser e a bordar,
que do céu há de cair
uma agulha e um dedal,
palmatória de marfim
para as mãos te castigar.

Variantes: **lingua de França e de lanceta; de França, dor de lanceta, flor de lanceta, dois de lanceta. Das três filhas que tivesse, das suas filhas que tivesse. Mandasse uma para com êle casar, para casar com êle. No estado que elas tão, em que el'estão. Nem por sangue de alazão, de Aragão. Tão triste que voltamos / e tão alegre que viemos. As filhas da La-Condessa, / nenhuma**

delas não trouxemos. Volta, volta, cavaleiro; volta cabo, cavaleiro. Escolher a que convém, a melhór que te convém. Esta fede e esta cheira. Esta mesma é que eu queria; esta aqui é que eu queria, que eu quero. Para o sr. Reis castigar. E' a ciranda que maior número de variantes oferece. — **La-Condessa. La** é a forma antiga do artigo feminino, ainda hoje usado com a preposição **per** (pelo) e, entre portugueses, com o advérbio preposicional **mais** (mailo, mâlo). Também no Ceará já o ouvi mais de uma vez dos lábios dos nossos matutos. Perdida a noção do seu valor, passou a formar com **condessa** uma espécie de nome composto e de novo foi empregado, mas na forma **a.** — **Reis.** Plural tomado como singular, à semelhança de **filhós.** Em meio de frase é sempre **reis** o que usa o povo; em pausa, **reis** ou **rei.** E' muito conhecida a expressão **dia de reses** (por **reises**), com que até gente educada se refere ao dia dos reis magos. — **No estado em que elas tão.** A forma aferética **tar** é antiga e geral no domínio do português. — **Nem por sangue de Alagão.** Dá-se aqui um fato interessante. A versão primitiva e verdadeira é **sangue de Aragão,** em referéncia à antiquíssima e poderosa fidalguia do ex-reino de Aragão. As nossas creanças, não o compreendendo, substituíram (atração homonímica) **Aragão** por **alazão,** palavra que designa o cavalo de cor de canela. Depois, operou-se um cruzamento entre **Aragão** e **alazão,** surgindo a forma **Alagão,** que nada diz, mas é atualmente a de maior uso na ciranda. — **Viemos.** Alguns professores ensinam que, indo-se, para exemplo, visitar um amigo que completa anos, não se lhe pode dizer **vim aqui para,** etc., mas **venho aqui.** Ambas as fórmas são corretas. Quando se diz **venho,** tem-se em mente a realização presente daquilo para que se veio; quando se diz **vim,** tem-se em mente a realização já verdadeiramente passada do verbo **vir.** O que nos compete, aos professores de vernáculo do Ceará, é fazer com que os nossos alunos deixem o hábito, que trouxeram dos tempos da infância, de empregar o pretérito **viemos** pelo futuro **viremos,** confusão que só se dá, entretanto, nesta pessoa.

Até indivíduos que se presumem educados dizem: — Nós **viemos** amanhã. Este mau costume é que é preciso erradicar quanto antes. — **Voltemos.** O baralhamento da terminação **ámos** (amámos) com a terminação **emos** (comemos) é apenas da lingua plebéa. O que é comum é **amos,** isto é: **ámos,** com **a,** não aberto, mas nasal. E' o único exemplo que aparece nas cirandas. Eu o atribuo à atração rímica de **trouxemos,** talvez ainda facilitada por **viemos.** Estou certo de que a forma primitiva é a que dá a variante: "Tão triste que **voltamos** / e tão alegre que **viemos**". Note-se que **voltamos** é um pretérito, como **viemos e trouxemos.** O embaixador, desenganado pela condessa, considera já tudo no passado. — **Volta cá, bom cavaleiro.** Várias das minhas colaboradoras me deram **volta cabo, cavaleiro.** A linguagem enfática, em que se inclue a linguagem cantada, está, por efeito da própria énfase, sujeita a modificações consideráveis. Aqui em Fortaleza, cantam todos agora uma modinha, em que há o verso **namoro e hei de namorar,** que muitas pessoas transformam em **namorei de nomorar,** verdadeiro "nonsens", por causa da pronúncia enfática de **hei.** Há meses, antes de se divulgar o sorvete solidificado, passava pelas ruas um menino que apregoava: — **Sôrv dyâbâcâxi!** Isto é: **sorvete de abacaxi.** O verso da ciranda divide-se em duas partes rítmicas: **volta cá / bom cavaleiro. Bom** é, portanto, proclítico. Daí, passar a **bu** e ser tomado como sílaba final da palavra anterior, com a qual formava nova palavra, perfeitamente conhecida das creanças. — **Convento** está aqui no sentido antigo, mais próximo do latim, de mera **reunião. Entra aqui neste convento,** isto é: entra aqui nesta sala onde estão **reunidas** as minhas filhas. — **Escolhe a melhór que tem.** O sujeito de **tem** é **convento.** Mas, além de serem sinónimos **ter** e **haver,** esta frase e outras do mesmo esquema concorreram para que se usasse **ter,** como **haver,** nas frases em que se podem pôr os verbos **existir** e **dar-se.** E não é um brasileirismo. A sintaxe já veio de Portugal, onde ainda hoje está muito generalizada a expressão **não tem dúvida,** ao lado de **não há dúvida.** — **Fede.** Não é de

admirar que, num jôgo infantil, um embaixador diga a uma dama que não a quér para noiva do seu rei por que ela fede. Já antes, êle tinha chamado à própria condessa maldizente (**lingua de ponta de lanceta**). Note-se mais que também não escolhe a que cheira, mas a que **come pão de feira.** Os verbos **feder** e **cheirar** não estão, pois, com os significados populares de **desagradar** e **agradar,** mas na accepção própria. O verbo latino **foetere,** étimo de **feder,** dizia apenas **cheirar mal.** Mas o étimo de **cheirar, fragrare,** tanto se podia usar em relação ao **bom** como ao **mau cheiro.** No segundo caso, dependia isso da presença de determinantes. Daí, **cheirar bem** e **cheirar mal,** a par de **cheirar** somente. — **Esta mesmo** ou **esta mesma.** Ambas as sintaxes são perfeitas, por mais que em contrário digam os puristas. Na primeira, o adjetivo passou a advérbio. — **Queria.** Não está, eufémicamente, por **quero.** Significa **procurava, buscava,** tal como em latim. — **Companheira** está no sentido normal de **mulhér que acompanha.** Ela ia casar com o rei, e não com o embaixador. — **Palmatória de marfim,** sem o artigo **um,** que está, entretanto, a modificar **agulha** e **dedal** — **Dor de lanceta.** Atração semántica, de que veremos outros exemplos. A palavra **lanceta** fez substituir **ponta** por **dor.** A variante **lingua de França, flor de lanceta** é perfeitamente compreensivel. Compara a condessa, que diz ser de lingua francesa, com a flor da "solidago vulneraria". Parece-me uma correção. **Dois** (dóis de lanceta) é apenas o resultado de uma má percepção auditiva. — **Das suas filhas que tivesse.** Sintaxe antiga, pleonástica, encontradiça ainda hoje.— **No estado que elas tão.** E' trivial o emprêgo do pronome relativo sem preposição. Muitas vezes a preposição vem no fim da frase, seguida de um pronome pessoal que lembra o relativo: **a casa que eu morei nela.** Estas duas sintaxes são ambas clássicas. — **Em que el'estão.** Isto é: **elas estão.** Veremos outros exemplos dessa contração de sílabas. — **Nenhuma delas não trouxemos.** Superabundáncia de negações, comum na antiga lingua. — **Esta aqui.** O advérbio modificando,

como epíteto, o pronome **esta**. Ainda não está bem estudada, comparativamente, a natureza do adjetivo e a do advérbio. Por isso é que encontramos nos dicionários um "adjetivo brasileiro" **atoa**, que nunca existiu. Em **mulheres à toa** (e não **atoas**, como fôra, se se tratasse de um adjetivo), temos um substantivo e uma locução adverbial em função epitética. Na segunda edição do "Repasse Crítico da Gramática Portuguesa", versarei longamente o assunto, deixando-o talvez plenamente esclarecido.

Estando o número desta revista prenhe de trabalhos, não devia eu alongar-me demasiado no estudo das canções coreográficas das nossas creanças, a fim de não crear dificuldades aos redatores. O meu material, porém, é consideràvelmente mais rico, e no próximo número continuarei a submetê-lo à leitura e julgamento dos entendidos.